

## 4 O DIÁRIO DE UM DIÁRIO ETNOGRÁFICO ELECTRÓNICO

*Paulo Brazão*  
Universidade da Madeira

### 4.1. INTRODUÇÃO

Falar de diário etnográfico obriga, necessariamente, a situá-lo na ciência que lhe dá suporte – a etnografia. Lapassade (1993) diz que a etnografia é uma mistura de arte e ciência. Os etnógrafos têm muitos pontos em comum com os romancistas, os historiadores sociais ou os jornalistas, por desenvolverem uma extraordinária habilidade etnográfica nas suas observações, pela sensibilidade emocional, pela capacidade de penetração em diferentes níveis de realidade, pelo poder de expressão, pela habilidade em recriar cenários e dar vida a formas culturais.

O diário etnográfico é o instrumento utilizado pelo investigador etnógrafo para registo do seu trabalho de campo e desde o início do século passado veio a assumir um estatuto de instrumento de pesquisa, uma técnica com diferentes especificidades ao serviço dos investigadores. Pode também funcionar como instrumento na formação profissional,

melhorando as didáticas, o desenvolvimento pessoal dos docentes.

#### 4.2. DO DIÁRIO DE BORDO AO DIÁRIO DE CAMPO

Na Idade Média e na Renascença, o diário era um gênero de literatura. Contava histórias reais ou imaginárias, numa época de expansão para novos continentes. O diário era um meio pelo qual os viajantes registavam as suas descobertas, através de relatos dos itinerários e das experiências interculturais dos seus autores. Era conhecido como diário de bordo ou diário de viagem.

O Diário de Campo, conceito surgido no século XX, com os antropólogos sociais/culturais, diz respeito a um instrumento específico, por estes utilizado em pesquisas empíricas. Normalmente, trata-se de um caderno de anotações de campo, com registros de observação, informações sobre o método de pesquisa, pensamentos catárticos em forma de diário no sentido restrito, ou ainda anotações retratando o papel do investigador de campo.

O diário tem diferentes definições e objectos, que expressam, por sua vez, aspectos convergentes e divergentes

- No “diário de bordo” ou “diário de viagem”, as aventuras e as histórias escritas pelos diaristas eram em forma de romance literário e baseadas muitas vezes em informações de outros informantes-chave (povos indígenas e intérpretes). Relatavam aspectos semelhantes e divergentes da cultura de origem do diarista.
- No “diário de campo”, as anotações do pesquisador etnógrafo são feitas dia a dia, implicando uma observação participante junto dos membros da comunidade, procurando relatar em pormenor aquilo a que Malinowski chama “complexo cultural” ou “todo integral”- o sistema funcional, cultural e político. O registo destes dados e de outros, obtidos por outras técnicas de trabalho de campo, permite a posterior teorização científica e a análise antropológica da comparação dessas pequenas culturas com as sociedades ocidentais.

Os antropólogos sociais / culturais e sociólogos de campo já não faziam, após a segunda guerra, uma separação radical entre uma etapa de pesquisa – etnografia – e outra de teoria – antropologia/etnologia. Estes dois momentos interpenetraram-se, ou seja, a descrição e a análise passaram a formar um mesmo processo de pesquisa, designando, na linguagem da sociologia etnográfica, a “Teoria enraizada”, ou “Teoria emergente” (Hammouti, 2002).

- No “diário institucional”, tradição do movimento de análise institucional da Universidade de Paris VIII, fundado, nos anos 70, por G. Lapassade e R. Lourau e continuado por P. Boumard R. Hess, ganham relevo pesquisas microsociológicas de campo em instituições e organizações escolares, grupos de formação, igrejas, empresas, etc. Consta que R. Hess, em 1977, inventou o “diário institucional etnográfico”, numa pesquisa junto de trabalhadores sociais e professores.
- No “diário da classe” de Zabalza e colaboradores, funcionando como instrumento de desenvolvimento profissional de docentes, o que se tenta estudar são os dilemas da prática do ensino.
- No “diário associado a entrevistas” – “Diary-Interview Method”, desenvolvido por D. H. Zimmerman e D. L. Wieder, funcionando como estratégia de pesquisa quando não é possível desenvolver a observação participante, e baseando-se em diários e em entrevistas a informantes-chave, a investigação tem como objectivo estudar os estilos de vida contra-culturais de jovens.
- O “Diário de Campo”, o “Trabalho” ou “Pesquisa de Campo” e a “Observação Participante” foram conceitos chave da Etnografia e da Antropologia Social moderna, tendo Malinowski como um dos principais fundadores (Hammouti, 2002).

Foram também estes conceitos que deram origem aos métodos qualitativos de pesquisa em Ciências Sociais, ligados à tradição sociológica dos etnógrafos urbanos da Escola de Chicago (1915-1930).

### 4.3. O DIÁRIO DE CAMPO COMO INSTRUMENTO DE PESQUISA, FORMAÇÃO E INTERVENÇÃO

O diário pode ser usado como método de investigação, método de colecta de dados, de descrição dos processos e estratégias da própria pesquisa e análise das implicações subjectivas do pesquisador; método de formação dos docentes, análise de práticas pedagógicas e desenvolvimento profissional e pessoal; método de intervenção, investigação-acção.

A prática do diário pode ser conceptualizada em quatro principais correntes teóricas:

- A tradição da antropologia cultural/social, fundada por Malinowski e F. Boas.
- A Escola de Chicago e o interaccionismo simbólico, dedicada à sócio-etnografia urbana, influenciadora da etnografia interaccionista inglesa, que tem como representantes principais D. Hargreves, S. Delamont, M. Hammersley e P. Woods.
- A Análise institucional de Paris VIII, com as tendências da “Análise institucional interna”, da “Etnografia institucional ou “Etnografia participante” e “Etnossociologia institucional” (G. Lapassade, 1991) – com o modelo da prática do Diário de Campo e a análise da implicação (R.Lourau, 1998).
- A corrente espanhola de Santiago de Compostela, liderada por Zabalza, Beraza e colaboradores (1986, 1988) – que conceptualiza o diário enquanto instrumento fundamental da formação do docente (Hammouti, 2002).

Os métodos do diário etnográfico, do diário institucional e o “método das histórias de vida”, são abordagens qualitativas de pesquisa educacional/social. Não deixando de fora a subjectividade, opõem-se às abordagens quantitativas e positivistas e impulsionam fortemente processos de auto-formação dos docentes. Permitem re-examinar a prática destes e reflectir sobre a resolução de problemas e incidentes críticos, ensaiar estratégias de antecipação, possibilitar a análise

mais profunda da construção do “eu” – “Self” –, fazendo-os desempenhar um papel social mais activo.

### 4.4. O DIÁRIO ETNOGRÁFICO PROFANO E AS SUAS VANTAGENS NA INOVAÇÃO EDUCACIONAL

Um novo conceito introduzido por Hammouti (2002) refere-se ao “diário etnográfico profano”:

*“...um diário escrito por actores / praticantes sociais que não são profissionais (cientistas sociais), mas que foram iniciados e treinados na utilização desse instrumento de trabalho e que são evidentemente familiarizados com a prática da escrita.”*

Hammouti, N. (2002: 13)

Qualquer pessoa leiga pode ser iniciada nesta prática diarística, desde que sensibilizada para as relações sociais vivenciadas.

O autor desenvolveu esta técnica com estudantes universitários de pedagogia que exerciam a função docente e com educadores-alfabetizadores rurais de jovens e adultos (em formação permanente), com o objectivo de os estimular a reflectirem sobre as suas práticas quotidianas. Aos que ainda não tinham prática profissional, propôs-lhes a construção de uma história de vida, com a descrição dos momentos marcantes e o registo, a partir de então, do quotidiano da formação universitária, os processos de “afiliação cultural”, a expressão das angústias, contradições, conflitos, lutas, descobertas, etc.

O registo é feito dia a dia e inclui acontecimentos e eventos quotidianos, ordinários e extraordinários, construídos a partir da observação participante dos diaristas, integrados na vida social dos grupos em estudo. Trata-se de contar as actividades de rotina, factos marcantes, descobertas inéditas, incidentes significativos, reuniões, leituras, problemas, conflitos, etc.

Escrever um diário etnográfico “profano” pode passar por usar uma técnica de narração, em diário íntimo para o próprio ou para outro, real ou imaginado. O método é simples mas requer alguma disciplina diária pois a escrita deve ser prolongada no tempo, de acordo com o problema em estudo.

A contextualização permanente dos relatos dos acontecimentos, por seu lado, leva o autor a adoptar uma perspectiva “interpretativa” contínua das relações e acções sociais, e simbólica – paradigma interpretativo. A extracção do sentido desses registos ocorre gradualmente, na medida em que se vão criando relações com o estudo/reflexão da pesquisa em causa. O autor reinterpreta a realidade em redor, definindo situações, reformulando regras e normas significativas, devolvendo uma imagem pessoal do mundo exterior. Quando partilha essas reflexões com os parceiros, ajuda a construir colectivamente a realidade social.

O diário escrito individualmente pode também transformar-se em diário colectivo de intervenção. Este tipo de diários tem como objectivo introduzir reformas na organização e favorecer a mudança no colectivo social. Pode admitir uma ajuda externa de outros pesquisadores. Uma outra forma de conceber o diário pode ser a acumulação de diário etnográfico e diário colectivo.

Nos casos em que a reflexão é conjunta, as vantagens são múltiplas: da quebra dos problemas de comunicação o aumento da circulação de informação, a criação de compromisso social a uma maior dinâmica nos processos de interacção.

Este tipo de técnica é bastante útil em tempos de crise e de conflito institucionais, em projectos de estabelecimento, ou de intervenção e inovação pedagógica, organizacional ou formativa. Proporciona, aos actores envolvidos, a reflexão sobre problemas cuja superação lhes devolve um sentido participativo de mudança a partir do interior e confere à organização um carácter emancipatório.

Em síntese: o diário veio a assumir um estatuto de instrumento de pesquisa, uma técnica com diferentes especificidades ao

serviço dos investigadores. Pode funcionar como instrumento na formação profissional, melhorando as didácticas e o desenvolvimento pessoal dos docentes; como método de pesquisa; e como dispositivo de acção – planeamento da acção para produzir mudanças e práticas de avaliação. Mas esse motivo também não impede o facto de poder ser escrito por qualquer actor social que esteja sensibilizado para as relações vivenciadas.

Se a reflexão for conjunta, as vantagens podem ainda, como atrás se referiu, aumentar consideravelmente.

#### 4.5. A OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE E O PAPEL DO OBSERVADOR

Dissemos anteriormente que o Diário de Campo, o Trabalho/Pesquisa de Campo e a Observação Participante são conceitos chave da Etnografia e da Antropologia Social moderna. Cabe agora, ainda que de forma breve, esclarecer o conceito de “Observação Participante”, atitude tomada pelo observador na investigação etnográfica.

Este conceito surge por volta dos anos 50-60, quando os etno-sociólogos, com necessidade de discutir os fundamentos da sua prática, publicam estudos sobre o assunto (Lapassade, 1991, 2001).

Henri Peretz (1996; referido por Lapassade 2001), ao pretender sistematizar um trabalho de Wyte (1955), sobre a acção do investigador, apresenta as seguintes etapas: A escolha do terreno; a sua entrada no campo; os papéis assumidos; as condições de observação e de trabalho de equipa; a tomada de notas; a descoberta do esquema principal; a relação com a comunidade estudada; a redacção e a publicação.

Vamos aqui fazer apenas referência ao papel que o investigador pode assumir na observação participante, por esta questão ser central na literatura etnográfica.

Junker (1995; referido por Lapassade, 2001), distingue quatro variantes:

- O participante completo – quando o observador participa nas actividades que pretende observar;
- O participante observador – quando as actividades observadas não se submetem às actividades em que o observador participa;
- O observador participante – quando as actividades a observar são do domínio público, podendo o observador dispor de uma variedade de meios de acesso à informação.
- O observador completo – as actividades estão para além do observador. São exemplo as actividades de dinâmica de grupo que decorrem em laboratório com o observador por detrás de um vidro.

A implicação do investigador no campo de observação pode ser regulada com os mecanismos de participação e distanciação. Lapassade (2001) alerta para o facto de que vestir a pele de nativo pode levar a adoptar uma linguagem menos científica. Embora pertinente, não desenvolveremos aqui esta questão.

#### 4.6. O ESTUDO

Vamos agora falar do estudo que nos motivou a construção e a aplicação da ferramenta – o diário etnográfico electrónico.

Esta investigação pretende estudar o quotidiano de uma turma de 3º – 4º ano, no momento em que se conjugaram esforços de duas naturezas:

- 1º – Do investigador, com o propósito de abordar o tema da escrita e a utilização do computador, numa sala curricular do 1º ciclo do ensino básico;
- 2º – Da professora Helena Camacho, que lecciona o 4º ano de escolaridade da Escola B.1º Ciclo P.E. do Tanque Santo António, no Funchal, com uma determinação firme em

integrar as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) nas suas práticas diárias.

As TIC são estudadas a partir do momento em que ocorre a sua integração no espaço pedagógico. Analisam-se as repercussões curriculares ao nível da organização, da flexibilidade do tempo, do espaço, dos conteúdos e da metodologia.

O investigador utiliza uma metodologia etnográfica, para explanação e confronto de subjectividades. Descreve a realidade, centrando-se primeiro na professora e depois, de forma gradual, dando lugar à voz dos alunos, à medida que se depara com um novo espaço de liberdade virtual, entretanto criado.

O carácter inovador do projecto reside no facto de este discutir o momento a partir do qual os alunos, utilizando o espaço/tempo para manusear as ferramentas tecnológicas, desenvolvem acções que não têm que ver directamente com o currículo e que o ampliam.

O **Weblog** ou **blog** surge da vontade da professora, do interesse manifesto dos alunos quando utilizam a tecnologia disponível na sala de aula, do apoio do investigador e da comunidade escolar. Afirma-se como espaço de comunicação entre a escola e o mundo, criado e mantido pelos alunos, num claro desafio ao currículo, ampliando o espaço de actuação da escola.

#### 4.7. QUESTÕES ENCONTRADAS NO DECURSO DA INVESTIGAÇÃO

As questões que apresentamos em seguida são indicativas do estudo que estamos a desenvolver.

##### Ao nível da Sala de aula

- O que podem os alunos fazer com os *blogs*?
- Como são os processos de construção?
- Que produtos obtêm os alunos com os *blogs*?

- Como se caracterizou a atitude dos alunos nesta actividade?
- Do ponto de vista da aprendizagem dos alunos, em que medida podem os *blogs* ser inovadores?
- Que rotinas, adequadas ao funcionamento desta actividade, foram adoptadas pela turma?
- Que palavras, relacionadas com a exploração dos artefactos existentes, passaram a fazer parte do vocabulário comum?
- Que ambientes, directa ou indirectamente, emergiram da utilização das ferramentas de comunicação?
- Que teorias fundamentam a acção da professora?
- Como foi planeada a actividade global da turma, de modo a integrar curricularmente a exploração dos computadores?
- Que tipo de interacção foi estimulada?
- Que grau de protagonismo foi assumido pela professora?
- Como foram constituídos e que estabilidade tiveram os grupo de trabalho nestas actividades?
- Que tempo é concedido aos alunos para trabalharem em *blogs*?
- Como se articulou a aprendizagem da utilização daqueles artefactos com a aprendizagem da leitura e escrita?
- Como foram exploradas as situações que sugeriram a resolução de problemas não previstos curricularmente e decorrentes das tarefas?
- Que metodologia de intervenção foi adoptada pela professora, de modo a poder orientar os vários grupos de alunos ocupados, em tarefas que diferiam de grupo para grupo?
- Que tipo de organização foi adoptado, perante a necessidade de o adequar à utilização dos computadores disponíveis?
- Como foi avaliada a actividade na sala?
- Que inovação introduzem os *blogs* na orientação e gestão da sala de aula?
- Que relação estabelecem com o plano curricular?

- Os alunos desenvolveram projectos ou tiveram aulas de informática?

#### Ao nível do Investigador

- Qual o papel ou grau de implicação do investigador neste projecto?
- Na fase de entrada no terreno/na fase de desenvolvimento do projecto
- Qual o papel ou grau de implicação do investigador junto da professora?
- Qual o papel ou grau de implicação do investigador junto dos alunos, para que construíssem *blogs*?

#### Ao nível da Comunidade Educativa

- Que relação existe entre a actividade dos *blogs* e a comunidade escolar?
- Que papel desempenham a direcção e os docentes da escola na actividade dos *blogs* e no projecto em geral?
- Que relação se estabelece entre escola e aprendizagem?
- Como promover a mudança cultural da escola?
- Que relação se estabelece entre tecnologia e currículo?

#### Ao nível do Projecto

- Que contributo pode este projecto trazer à educação?
- A experiência continuou depois?

### 4.8. A METODOLOGIA

Para responder às questões levantadas, parece-nos importante descrever a cultura emergente daquele contexto. Para Fino (2003), quando o objectivo de uma investigação é a descrição de uma cultura, é adequada a adopção de uma

metodologia etnográfica, pois: o comportamento das pessoas é estudado no contexto habitual; os dados são recolhidos em diversas fontes, com particular relevância a observação e a conversação informal; a recolha de dados não decorre de um plano detalhado anteriormente, não existindo portanto categorias pré-estabelecidas para interpretar o comportamento das pessoas; estuda-se um grupo restrito de pessoas; a análise dos dados envolve interpretação de significado e assume a forma descritiva e interpretativa.

O investigador, no presente estudo, assume uma observação participante completa (Lapassade, 1993), pois o seu grau de implicação é grande. Torna-se um membro da situação que pretende estudar, embora a sua permanência seja pelo tempo limitado ao da investigação.

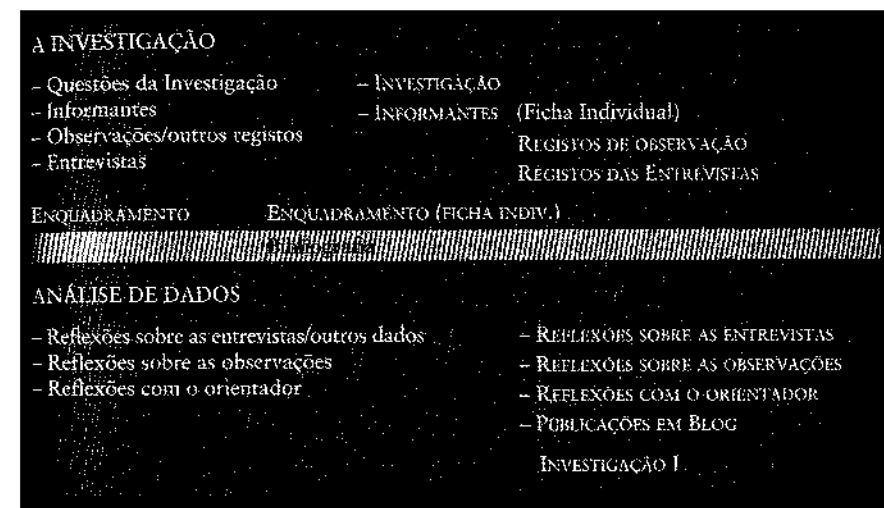
Fino (2003) alerta para dois aspectos de natureza metodológica: o primeiro é o de êxito da investigação decorrer da capacidade interpretativa do investigador, permitindo-lhe um vasto leque de liberdade, quanto à mobilização de instrumentos teóricos de análise; o segundo é o da incontornabilidade da subjectividade do investigador enquanto observador participante.

Para compreender a realidade enquanto unidade cultural, torna-se importante a análise das particularidades de natureza dessa cultura, a exemplo de outros estudos (Vasconcelos, 1997, Fino, 1999). Assim, segundo Fino (2003), poderão ser considerados como elementos culturais relevantes os seguintes: as pessoas intervenientes e respectivos papéis sociais; a organização de rotinas de funcionamento; o tipo de tarefas desempenhadas, as aprendizagens propostas e seus pressupostos curriculares; os tipos de interacção aceites ou estimulados entre os membros da turma, as crenças e as convicções que partilham e o modo como o conhecimento é negociado e partilhado; os artefactos que se produzem e os utensílios que se manipulam; a permeabilidade da cultura local à cultura circundante.

#### 4.9 VERSÃO ELECTRÓNICA DO DIÁRIO DE CAMPO – A CONSTRUÇÃO DO DIÁRIO NAS PRIMEIRAS DUAS FASES DA INVESTIGAÇÃO

Figura 1

Apresentação do *software* Diário etnográfico



A utilização do diário enquanto instrumento de pesquisa já foi atrás justificada. Neste estudo pôs-se a questão de construir um diário que permitisse satisfazer os seguintes aspectos:

- Registo imediato dos dados durante o tempo em que o investigador se encontra no terreno;
- Reunião do maior número de dados possível no mesmo suporte electrónico;
- Apresentação simultânea de todos os dados;
- Acesso, arquivo e mobilidade facilitada, ao utilizar também equipamento informático portátil.

O Diário etnográfico electrónico foi construído com o auxílio do FileMaker Pro 5.5., com a adição posterior de um módulo auto-executável do FileMaker Developer Tool.

A construção do *software* teve início logo após a entrada do investigador no terreno.

Fazemos referência à construção deste suporte electrónico, situando-o em duas fases da investigação: Fase Descritiva e Fase Interpretativa (Sierra, 2001).

A fase descritiva inicia-se quando o investigador procede ao registo descritivo, mantendo-se atento ao conjunto de informações que obtém. O esforço descritivo inicial, para explicar a realidade observada, é o ponto de partida para a credibilidade dos resultados e do processo de investigação.

A fase interpretativa decorre com base no rigor de densa descrição, quando o investigador e outros protagonistas fazem uso de referentes explícitos que consideram oportunos, analisando-os e interpretando-os, e compreendem os fenómenos em estudo. São, em última análise, processos progressivos de triangulação de fontes, instrumentos e informações para assegurar a pertinência da informação elaborada (Sierra, 2001).

Fino (1999) lembra que o tratamento dos dados se poderá efectuar seguindo dois níveis de informação:

- elementos de natureza histórica, física e humana, nível destinado à caracterização da escola, da turma-objecto e da professora;
- elementos da actividade da turma, recolhidos mediante a observação participante, na tentativa de caracterizar a cultura emergente dessa actividade.

A caracterização da cultura emergente dessa actividade contém elementos de recolha do trabalho de campo, como: o preenchimento de uma ficha de observação, em cada sessão de trabalho, contendo objectivos, tópicos programáticos, ferramentas, organização do trabalho, actividade dos alunos, da professora, avaliação e registo de incidentes críticos; a transcrição dos registos áudio; a recolha de artefactos; a elaboração de uma espécie de diário de bordo, a partir dos elementos – de preenchimento da ficha de observação, da transcrição dos registos em vídeo e da recolha de artefactos;

notas soltas tomadas nas sessões de reflexão; apontamentos; diálogos com a professora e com os alunos; a transformação do diário em respostas destinadas a reconstituir a cultura.

Apresentamos uma tabela que sintetiza a evolução do *software* nas duas primeiras fases do estudo:

**Tabela 1**  
Evolução do *software* nas duas primeiras fases do estudo

Fase	Aspectos considerados	Produto <i>software</i>	Reflexão
1. Fase – descritiva	Ficha de observação, em cada sessão de trabalho, contendo objectivos, tópicos programáticos, ferramentas a usar.	<b>Momento 1</b> Inclusão de Campos para descrição – objectivos / questões / metodologia	Aspectos positivos Registo imediato dos dados, durante o tempo em que o investigador se encontra no terreno;
	Organização do trabalho, actividade dos alunos, da professora, registo de incidentes críticos; – Transcrição dos regimes áudio; – Recolha de artefactos; – Elaboração de uma espécie de diário de bordo, a partir dos elementos recolhidos;	<b>Interface dos informantes</b> Inclusão de Campos para identificação e caracterização dos informantes  <b>Interface de observação</b> Inclusão de campos para a descrição da realidade envolvente: aspectos gerais / episódios / comentários	Reunião de grande volume de dados no mesmo suporte electrónico; Apresentação simultânea de todos os dados arquivados.
	– Notas soltas tomadas nas sessões de reflexão, apontamentos, diálogos com a professora e com os alunos.	<b>Momento 2</b> Inclusão de um campo para a construção de um diário de bordo – diário profano  Inclusão de campos para junção de artefactos dos alunos: som/ imagem / animação	Aspectos interessantes Necessidade de proceder a cópias de segurança, pois a informação concentrada num só ficheiro aumenta o risco de perda, inviabilizando a consulta dos dados.



Fase	Aspectos considerados	Produto <i>software</i>	Reflexão
1.ª Fase – descritiva		<p><b>Momento 3</b></p> <p>Inclusão de campos de som para junção de entrevistas.</p> <p>Inclusão de campos para transcrição de entrevistas, referenciadas pela data de realização.</p> <p>Inclusão de um módulo de registo de referências bibliográficas – segundo as normas da APA 2002.</p>	
2.ª Fase – interpretativa	<p>A análise dos dados efectua-se seguindo dois níveis de informação:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>– elementos de natureza histórica, física e humana, destinados à caracterização da escola, da turma-objecto e da professora;</li> <li>– elementos da actividade da turma, recolhidos mediante a observação participante, na tentativa de caracterizar a cultura emergente.</li> <li>– transformação do diário em respostas destinadas a reconstituir a cultura.</li> </ul>	<p><b>Momento 4</b></p> <p>Inclusão de um módulo com temas de enquadramento teórico, anexo às referências bibliográficas.</p> <p><b>Momento 5</b></p> <p>Inclusão de interface para registo de reflexões com o orientador.</p> <p>Inclusão de interface para reflexão geral.</p>	<p><b>Aspectos positivos</b></p> <p>A reunião do maior número de dados no mesmo suporte electrónico favorece a consulta e a análise de informação. O cruzamento de dados facilita o trabalho de investigador na interpretação.</p> <p><b>Aspectos interessantes</b></p> <p>Necessidade de limitar a entrada de dados em formato som/imagem, dada a grande dimensão de ficheiros.</p>

#### 4.10. ALGUMAS REFLEXÕES

A utilização desta ferramenta vem facilitar o trabalho do investigador etnográfico, tanto mais quanto este tiver predisposição para a utilização da tecnologia informática.

As questões metodológicas são incomparavelmente mais complexas do que as questões técnicas.

A dificuldade em seleccionar e registar os dados de observação no momento em que ocorrem os acontecimentos faz do trabalho do investigador participante completo uma tarefa árdua.

O investigador é desafiado a desenvolver competências de observação e de registo, mesmo antes de entrar no campo. Graue e Walsh (2003) falam na necessidade de formular perguntas de investigação e de traçar planos gerais antes de entrar no campo, mesmo que esses planos se alterem com o tempo. O conhecimento prévio do tema a estudar, pela revisão da literatura, é fundamental. Torna-se parte da subjectividade de cada um e deve ser tratado numa perspectiva crítica.

Para registar, é necessário aprender a observar, a saber seleccionar, da realidade envolvente, o que é mais significativo para a pesquisa em curso. No entanto, o diariamente observável refere-se ao imediatamente visível. A observação de segundo nível só é visível aos olhos do observador atento. Obtém-se pela natureza sistemática da descrição rica em pormenores, com o enfoque explícito no assunto. A descrição marca a diferença entre a investigação interpretativa e o conhecimento proveniente da experiência vivida. Sempre que possível, a análise do fenómeno deve ser efectuada sob várias perspectivas, a partir de diversas fontes de dados – o que é comumente conhecido como triangulação (Graue e Walsh, 2003).

O *software* vem facilitar a tarefa de cruzamento dos dados pela apresentação simultânea dos mesmos nos *layouts*.

O equipamento informático requer cuidados no transporte e na utilização. O risco de danos é um facto sempre presente.

Para finalizar, temos consciência de que serão necessárias muitas mais reflexões até que este trabalho se apresente consolidado.

## NOTA FINAL

Disponibilizamos o *software*. A solicitação pode ser feita em <http://uma.pt/pbrazao/desenvolvimento.htm> ou, em alternativa, para o e-mail [pbrazao@uma.pt](mailto:pbrazao@uma.pt)

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FINO, C. (1999). “Um *software* educativo que suporte uma construção de conhecimento em interacção (com pares e professor)”. *Actas do 3.º Simpósio de Investigação e Desenvolvimento de Software Educativo*. (edição em cd-rom). Évora: Universidade de Évora.
- FINO, C. (2001). Uma turma da “geração nintendo” construindo uma cultura escolar nova. In P. Dias e C. Freitas (Orgs.). *Actas da II conferência internacional de tecnologias de informação e comunicação na educação* (pp.1027-1048). Braga: Universidade do Minho.
- GRAUE, M. e WALSH, D. (2003). *Investigação etnográfica com crianças: Teorias, métodos e ética*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- HAMMOUTI, N. (2002). Diários etnográficos “profanos” na formação e pesquisa educacional. *Revista europeia de etnografia da educação* (2), 9-20.
- LAPASSADE, G. (1993). La méthode ethnographique. Retirado em <http://www.ai.univ-paris8.fr/corpus/lapassade/ethngrso.htm>. a 27-03-2004.
- LAPASSADE, G. (2001). L’observation participante. *Revista Europeia de Etnografia da Educação* (1), 9-26.
- SIERRA, F. (2001). Estructura de un proyecto de investigación en Etnografía de la Educación (I). *Revista Europeia de Etnografia da Educação* (1), 27-42.
- VASCONCELOS, T. (1997). *Ao redor da mesa grande: a prática educativa de Ana*. Porto: Porto Editora.
- <http://www.uma.pt/pbrazao/projectodigital.htm> (retirado a 05/12/02).